 Tempo de leitura: 7 min.

Maria Troncatti, Filha de Maria Auxiliadora, é uma testemunha de vida consagrada "na verdade" (Jo 17,19). Totalmente unida a Cristo e dócil à ação do Espírito, ela encarnou o Evangelho com simplicidade e coragem na floresta amazônica, onde soube conciliar fé e promoção humana, caridade e justiça, tornando-se uma mulher de reconciliação e de paz. Em sua existência humilde e fecunda, a missionária italiana ofereceu ao mundo um reflexo vivo do estilo de Jesus: obediente, manso e apaixonado pela salvação das almas, até o dom total de si mesma por amor a Deus e ao homem.

Consagrados na verdade

Na oração sacerdotal de Jesus ao Pai está contido o significado de toda a nossa existência. "*Ele nos consagrou, ou seja, nos entregou a Deus para sempre, para que, a partir de Deus e em vista dele, pudéssemos servir aos homens*". A vida de Maria Troncatti foi verdadeiramente consagrada na verdade, trabalhando a partir de Deus, em comunhão com Jesus Cristo, no amor do Espírito Santo. Ela estava unida e conformada a Jesus Cristo, renunciando a si mesma e vivendo em fidelidade aos compromissos assumidos em sua profissão religiosa, como Filha de Maria Auxiliadora, vivendo como missionária na selva amazônica.

Unida a Cristo

O vínculo com Jesus foi uma constante na história de Maria Troncatti, mesmo quando menina e depois como jovem Filha de Maria Auxiliadora, e cresceu de modo extraordinário durante sua longa caminhada missionária. Esse vínculo foi pago com a superação de si mesma, com a renúncia não só ao mal, mas também aos afetos e às coisas que lhe eram mais caras. Uma poda que a marcaria até o fim de sua vida, feridas sempre abertas, para que o dom de si fosse autêntico e não efêmero ou interesseiro: o verdadeiro amor é um corte em carne viva, se não quisermos dar mais! "*É necessário que nós, que eu não reivindique minha vida para mim, mas que a coloque à disposição de outro – de Cristo. Que eu não pergunte: o que eu ganho com isso para mim, mas sim: o que posso dar para Ele e, assim, para os outros? Ou, de forma ainda mais concreta: como deve ser realizada essa conformação a Cristo, que não domina, mas serve; que não toma, mas dá?*"

Obediente ao Espírito

Sua conformação com Cristo levou-a a uma obediência evangélica que produziu uma profunda renovação, particularmente entre os povos aos quais o Pai a enviou como missionária do Evangelho e de seu amor. Uma preocupação, não de

acordo com seus próprios desejos e expectativas, mas em docilidade à ação do Espírito Santo, às necessidades reais das pessoas e às sementes de esperança colocadas nos corações e nas culturas das pessoas. *“Cristo não corrigiu talvez as tradições humanas que ameaçavam sufocar a palavra e a vontade de Deus? Sim, Ele corrigiu, para despertar a obediência à verdadeira vontade de Deus, à Sua palavra sempre válida. Ele se preocupava exatamente com a verdadeira obediência, contra a vontade do homem. E não nos esqueçamos: Ele era o Filho, com a autoridade e a responsabilidade singulares de revelar a verdadeira vontade de Deus, abrindo assim o caminho da palavra de Deus para o mundo dos pagãos. E finalmente: Ele concretizou Seu mandato por meio de Sua própria obediência e humildade na cruz, tornando assim Sua missão crível. Não a minha vontade, mas a tua vontade: esta é a palavra que revela o Filho, sua humildade e, ao mesmo tempo, sua divindade, e nos mostra o caminho”.*

A Irmã Maria Troncatti, graças à sua fé e constante abnegação, brilha por sua extraordinária capacidade de saber combinar o anúncio do Evangelho e a promoção humana de modo admirável, obtendo frutos de conversão espiritual e de libertação humana e social.

Irmã Maria pertence ao grande grupo de pessoas das quais brotaram e brotam rios de vida, cheia de alegria.

Maria Troncatti: uma mulher de reconciliação e de paz na fé, vivida na radicalidade da obediência e com a força do amor. Os rios sempre acompanharam sua vida de modo realista e simbólico.
Para ela, eles representavam um perigo constante: desde a torrente de Varazze que, depois de romper suas barragens, estava prestes a submergi-la, até os rios da Amazônia, imprevisíveis e ameaçadores, que corriam o risco de ser sua sepultura para sempre, como foram para vários indígenas e missionários.

É belo reconhecer que a Irmã Maria se tornou, em virtude de sua conformação a Cristo e sem que ela percebesse, uma dessas “*traduções*” “*em ordens de grandeza mais acessíveis e mais próximas de nós*”, em virtude das quais ela foi para os seus e para as pessoas que a conheceram e se encontraram com ela uma “*tradução do estilo de vida de Cristo, que eles podiam ver e ao qual podiam aderir... Os santos nos mostram como a renovação funciona e como podemos nos colocar a seu serviço. E eles também nos fazem entender que Deus não olha para grandes números e sucessos externos, mas traz Suas vitórias de volta no humilde sinal do grão de mostarda*”. E Ir. Maria foi, com suas irmãs e com os missionários salesianos,

o grão de mostarda evangélico, que brotou e cresceu em uma árvore frondosa e rica de frutos. Para ela, a ação missionária não era "*uma vara seca a ser regada*", mas uma obra de Deus que brotava no coração da floresta. Ela estava convencida de que a semente da Palavra, lançada naquela região impermeável e isolada, daria frutos de caridade e renovação.

Testemunha da fé

É significativo e comovente que a Igreja reconheça oficialmente, no próprio ano dedicado à fé, a santidade dessa sua filha, que se torna um sinal de esperança para este nosso mundo onde há um "*analfabetismo religioso que se espalha em meio à nossa sociedade altamente inteligente*". A irmã Maria conhecia muito bem os elementos básicos da fé, que toda criança costumava conhecer, porque os aprendeu no círculo familiar e na escola de santos sacerdotes e educadores. Ela aprendeu como menina, como jovem freira e depois como intrépida missionária que "*para poder viver e amar nossa fé, para poder amar a Deus e, assim, ser capaz de ouvi-lo de maneira correta, devemos saber o que Deus nos disse; nossa razão e nosso coração devem ser tocados por Sua palavra*". É por isso que toda a sua vida será uma proclamação contínua do Evangelho e da doutrina cristã. Todas as oportunidades serão apropriadas para apontar para a salvação em nome de Jesus e Maria. Seja cozinhando, cuidando dos doentes ou curando, sempre a palavra do Evangelho será semeada por ela no íntimo das pessoas e descerá como remédio que cura as feridas e as chagas dos corações e das almas.

A canonização dessa missionária do Evangelho nos ajuda a lembrar que as missões têm seu centro na proclamação da salvação em nome de Jesus, e faz do "*Ano da Fé, a lembrança da abertura do Concílio Vaticano II há cinquenta anos, uma oportunidade para proclamarmos a mensagem da fé com novo zelo e alegria. Naturalmente, nós a encontramos de maneira fundamental e primária na Sagrada Escritura, que nunca é demais ler e meditar. No entanto, todos nós sentimos que precisamos de ajuda para transmiti-la corretamente no presente, para que ela realmente toque nosso coração. Encontramos essa ajuda, antes de tudo, na palavra da Igreja que ensina: os textos do Concílio Vaticano II e o Catecismo da Igreja Católica são as ferramentas essenciais que nos mostram autenticamente o que a Igreja acredita com base na Palavra de Deus. E, é claro, todo o tesouro de documentos que o Papa João Paulo II nos deu, que ainda está longe de ser totalmente explorado, também faz parte disso*".

A irmã Maria não era uma estudiosa, uma intelectual, mas com sua proclamação ela tocava o coração das pessoas, porque ela mesma havia sido tocada no coração pela graça do Espírito. E ela fazia isso da maneira mais natural para ela, sem muitos

artifícios ou métodos especiais. “*Todo o nosso anúncio deve ser avaliado de acordo com a palavra de Jesus Cristo: ‘A minha doutrina não é minha’ (Jo 7,16). Não anunciamos teorias e opiniões particulares, mas a fé da Igreja da qual somos servidores. Mas isso, é claro, não deve significar que eu não apoie essa doutrina de todo o meu coração e permaneça firme nela. Nesse contexto, sempre me lembro das palavras de Santo Agostinho: E o que é tão meu quanto eu mesmo? O que é tão pouco meu quanto eu mesmo? Eu não pertenço a mim mesmo e me torno eu mesmo precisamente porque vou além de mim mesmo e, indo além de mim mesmo, posso me tornar parte de Cristo e de seu Corpo, que é a Igreja. Se não anunciarmos a nós mesmos e se interiormente nos tornarmos um com Aquele que nos chamou como seus mensageiros, de modo que sejamos moldados pela fé e a vivamos, então nossa pregação terá credibilidade. Eu não faço propaganda de mim mesmo, mas me entrego*”.

“Para a salvação das almas”

Por fim, vale a pena mencionar que Ir. Maria encarnou o lema salesiano “*Da mihi animas cetera tolle*” de maneira única, através do zelo incondicional e da dedicação pelas almas, até o dom de sua vida. Hoje, o termo “alma” parece ter se tornado uma prerrogativa exclusiva da psicologia e falar da “*salvação das almas*” *«é uma expressão fora de moda que quase não é mais usada. Em alguns círculos, a palavra alma é até considerada uma palavra proibida, porque – diz-se – expressaria um dualismo entre corpo e alma, dividindo erroneamente o homem. Certamente, o homem é uma unidade, destinada com corpo e alma para a eternidade. Mas isso não pode significar que não temos mais uma alma, um princípio constitutivo que garante a unidade do homem em sua vida e além de sua morte terrena*”». A Irmã Maria se preocupava com o homem inteiro, com suas necessidades físicas e espirituais. Com o seu exemplo e a sua mensagem, ela lembra a todos os membros da Família Salesiana que “não nos preocupemos somente com o corpo, mas precisamente com as necessidades da alma do homem: com as pessoas que sofrem com a violação da lei ou com um amor destruído; com as pessoas que não conhecem a verdade; que sofrem com a ausência da verdade e do amor. Estamos preocupados com a salvação dos homens no corpo e na alma. Quantas almas foram salvas! Quantas crianças foram salvas da morte certa! Quantas meninas e mulheres defendidas em sua dignidade! Quantas famílias formadas e preservadas na verdade do amor conjugal e familiar! Quantos fogos de ódio e vingança apagados com a força da paciência e a entrega da própria vida! E todos viveram com grande zelo apostólico e missionário. As pessoas que tiveram a graça de conhecê-la tiveram a experiência de uma mulher e de uma pessoa consagrada que não apenas realizava

conscientemente seu trabalho, mas que não pertencia mais a si mesma. Uma disponibilidade contínua, uma dedicação renovada todos os dias aos pés do altar, uma entrega até o sacrifício supremo da vida pela reconciliação e pela paz. Graças ao testemunho evangélico e salesiano de Ir. Maria, "*as pessoas devem perceber o nosso zelo, através do qual damos um testemunho credível do Evangelho de Jesus Cristo. Peçamos ao Senhor que nos encha da alegria da sua mensagem, para que com zelo alegre possamos servir a sua verdade e o seu amor*".